

## União poliafetiva entre pais e filhos: convivência ou conveniência?

*\*Thiago Valeriano Braga*

*\*\*Academia de Letras de São João del-Rey*

Já não é sem tempo consideramos a família como a base de uma sociedade feliz, decente e igual [direito desse ou daquele]. A partir de duas pessoas formá-se-á um núcleo familiar – seja por laços sanguíneos, consanguíneos ou afetivos – carecendo, pois, do chamado *regime de partilha*. Um pode amparar o outro, numa divisão comum de sentimentos, afinal trocam entre si bons motivos para conviverem harmoniosamente (*grifos do autor*).

Como dizem por aí *'moram debaixo do mesmo teto'*, portanto necessidades hão de ser acordadas no curso vivencial. A relação entre pais e filhos se estabelece numa espécie de **liga do amor** tida por meio de exemplos, emoções, respeito e cumplicidade. Nesse momento inicia-se, seguramente, a ideia de um *lar*, inspirado em princípios, costumes e experiências dentro da normalidade. O ambiente, sem dúvida, incentiva ou deve incentivar aqueles que, por consequência, participam mutuamente do dia-a-dia no seio familiar. Formam, a seu tempo e modo, o verdadeiro sentido da felicidade afeita à gestos, ações e tomada de atitudes responsáveis. A troca de prazeres, sobretudo, traz a curto prazo, o retrato escrito, visto e falado de uma prole♥ [em seus melhores e maiores momentos].

Os filhos menores, por sua vez, enxergam ou carecem de enxergar esse espaço doméstico como um *'castelinho'* donde se sinta bem, aconchegado e seguro. Mas... Requer entender, não precocemente, que um dia irá ganhar o mundo podendo ter ou não os papais por perto para orientá-los. Enquanto isso, necessário se faz, provar (em) as delícias de uma vida saudável, tranquila e regada de bons exemplos/ensinamentos que hão de carrear pelo vosso futuro inesperado. Brinca, machuca, chora... Ainda que *'cedo'* corresponde às expectativas daqueles que acompanham cada passo dado, tido e visto como autodescoberta. Tem-se aí a boa educação que se molda na realidade íntima-familiar. Uma dose de carinho que, por efeito, dará a influência capaz de transformar alguém sem subtrair-lhe coisa alguma.

Notemos, dessa feita, o quão é importante se ter uma educação de base antes mesmo de se chegar à escola. O aprendizado, munido de bom e alvo entendimento sobre este ou aquele assunto é, portanto, uma sementinha lançada na vida da criança. Papais e mães, por isso e por outros motivos, redefinem o destino dos pequerruchos. Tudo o quase tudo pode de ser feito, a bem da verdade, para cativá-los a trilhar pelo caminho da decência, dignidade e cidadania. Uma família feliz não é aquela do comercial da Dorian [referência] mas os motivos que levam a crer: acolhimento, ainda que na simplicidade, ajuda uns dos outros, vontade de lutar pelo certo e permanência na boa luta. A falta de sentimentos, por parte desse ou daquele enfraquece, literalmente, o gozo familiar independente de onde ela esteja morando/vivendo. Soma-se, aí, a formação psíquica da criança que viu, ouviu vivenciou esse quadro, dando-lhe uma ideia comum a respeito dos valores [já ditos anteriormente].

A família, em todo e para todo caso é ou deve ser o pilar de uma sociedade que não é feliz por natureza, tampouco infeliz pela má sorte, mas o retrato da criação [infância/juventude/idade madura] de seus concidadãos. Tudo que é ou se apresenta nos dias de hoje, em termos costumes/cultura é reflexo contumaz daquilo que os criou, derivou, ou disseminou no seio social. O ente familiar, por sua vez, pode parecer deturpado por este ou aquele motivo mas, a seu tempo e modo, possui larga influênciano *'andar das pessoas'*. Uma criança educada, por exemplo, faz jus ao que aprende ou aprendeu em casa. Assim, tem essa grande probabilidade de *'ser um adulto educado para o bem'*.

Lembremos, agora, da *'história que ficou para a história'* devido uma situação inusitada, a quem de direito e de fato, tinha o poder de decidir em nome de outrem: Duas mães, uma de sangue outra de afeto. Entre ambas uma criança recém-nascida à espera, inconsciente, de um lar, mas antes, a mama do leite materno. Estava essa, envolvida numa rodilha de pano, carregada por um dos empregados do patriarca. Assim não haveria disputa desleal entre as mães, porquanto a criancinha podia dormir o seu soninho de anjo-candura. Precisava de um bom banho pois a viagem até ali enchera-lhe de pó.

Nunca o reino [daquela época] havia visto ou vivido algo semelhante. Tampouco o astuto Rei Salomão, sempre em alto respaldar, sentado no seu trono de pedra jaspe polida. As duas senhoras, até então

desconhecidas, naquele salão foram, por hora, anunciadas para estarem à presença do Nobre. Pareciam inconformadas com alguma coisa, travando um duelo entre si, difícil de ser contido numa simples palavra ou gesto casual. Trajavam quase o mesmo tipo de roupa, dando a aparência de 'pobretonas' em constante desalinho. Na realidade não possuíam posses, nem economia de moedas, dispondo, unicamente, de pequeno abrigo entendido como 'domicílio'.

Segundo uma, quando indagada, sobre relações com a criança – onde e como a conheceu – narrou terem feito o parto juntas [a dita companheira], na mesma casa de palinha, mas das duas, restou apenas uma, para agonia daquela outra. Não sabiam, ao certo, se havia uma terceira pessoa no quarto-cômodo, no entanto, o sumiço do filho era evidente. Tinham a intenção de descobrirem, sob duras penas, qual destas pariu o varãozinho que não podia ter duas mães ao mesmo tempo. Se deixasse a cargo delas, o ato de decidirem o destino do pequerrucho, se matariam em tapas, unhas, mordidas e pancadas. Por sorte ou merecimento, ousaram procurar um sábio para resolver essa causa incomum. O desassossego estava escrito ou estampado no rosto daquelas humildes trabalhadoras que, para alguns, seriam mulheres-dama sem partido.

Postas de pé, diante do rei, tiveram a oportunidade de falarem o porquê de tanto nervosismo na ânsia de uma solução que pudesse acabar de uma vez por todas com tamanha contenda. Enquanto isso, aquele que figurava como um juiz observava, atentamente, o comportamento das pobres camponesas. Quem tinha mais equilíbrio emocional?! Depois de ouvi-las, o Rei Salomão, de súbito ordenou em voz alta: -"Que o bebê seja cortado ao meio, e cada uma das *se dizem mães* receberão a metade do vosso corpo". Traga a espada [acrescentou]. Antes de terminar a fala, uma das mulheres, em nítido desespero, clamou pela vida da criança, desejosa de tê-la para si, graúda, saudável e **inteira**. Caluda! Ele apenas queria testar as duas varoas para que algo diferente pudesse '*brotar*' naquele duplo conflito.

Por outro lado a companheira, de modo esguio, relutou em concordar a infeliz, propondo que, nesse caso, ninguém recebesse parte alguma. O sábio percebera a aflição da primeira mulher e entendeu, a bem da

verdade, ser ela a mãe, face ao carinho demonstrado na sua voz, olhar. Ficou, assim, decidido: essa uma, seria contemplada com a guarda definitiva do menino, quiçá a sua preocupação angélica-maternal. A genitora [natural] fora conduzida para fora do palácio já com sua cria nos braços. De bom grado encerrou-se ali a breve audiência ocorrida no juizado de pequenas causas.

Tal decisão correu o mundo em boatos e rumores que agraciaram a atuação de vossa alteza, o Rei.

Errata: usei-me de conhecimentos acerca do assunto '*dissertando*', de modo livre, sem consultar ou pesquisar quaisquer parte do texto.